

REVISTA ELETRÔNICA DO INSTITUTO DE HUMANIDADES
ISSN 1678-3182

VOLUME VI

NÚMERO XXI

ABR – JUN 2007

**ESPELHOS DE DUPLA IMAGEM: BRASIL E ESTADOS
 UNIDOS EM ABRAÃO LINCOLN E ALEIJADINHO**

Enildo de Moura Carvalho
 Mestre em História do Brasil- USININOS

Resumo.

Tomando por referência estudos de Érico Veríssimo e Vianna Moog, este trabalho analisa, num primeiro momento, a formação simbólica de Abraão Lincoln (ex-presidente dos Estados Unidos) e Aleijadinho (escultor brasileiro do século XVIII) em correspondência com a formação cultural norte-americana e brasileira, respectivamente. Num segundo momento, a análise se desenvolve mediante a inversão das imagens dos dois heróis em relação a seus países, de modo que Lincoln é observado como se fosse brasileiro e Aleijadinho, como se fosse norte-americano.

Palavras-chaves: Lincoln, Aleijadinho, Brasil, Estados Unidos

**DOUBLE IMAGE MIRRORS: BRAZIL AND THE UNITED STATES IN ABRAHAM
 LINCOLN AND ALEIJADINHO**

Summary:

Taking into account studies on Érico Veríssimo and Vianna Moog, this paper analyzes, in a first moment, the symbolic formation of Abraham Lincoln (former president of the United States) and Aleijadinho (Brazilian sculptor of the 18th century) in relation to the North-American and Brazilian cultural formation, respectively. In a second moment, the analysis evolves according to the inversion of the images of the two heroes in relation to their countries, hence Lincoln is analyzed as if Brazilian and Aleijadinho, as if North-American.

Key Words: Lincoln, Aleijadinho, Brazil, United States.

Introdução

No final da década de 1940, Érico Veríssimo¹ e Vianna Moog publicaram algumas obras comparativas entre a formação cultural brasileira e norte-americana, como resultado de suas estadas nos Estados Unidos, no período de 1940-1945.

Em seus estudos comparativos, Érico Veríssimo contrapõe o que define por “materialismo” do anglo-americano e “idealismo” do brasileiro². Em tal oposição, o autor rememora a simbologia de Abraão Lincoln (ex-presidente dos Estados Unidos), e Aleijadinho (escultor brasileiro do século XVIII), dois personagens exaltados pela sociedade norte-americana e brasileira.

Em seus estudos, Vianna Moog também recorre ao simbolismo de Lincoln e Aleijadinho, embora sob um enfoque diverso ao de Veríssimo. Para Moog, os personagens são representados de forma cruzada, como se Lincoln simbolizasse o Brasil e Aleijadinho à cultura norte-americana. Neste sentido, o ensaísta indica um paradoxo entre a imagem dos personagens e a sociedade as quais representam; pois, a mesma sociedade que lhe presta afago e homenagens não segue, em linhas gerais, seus ensinamentos e inspirações, diz Moog. (1969, p. 315 – 344).

Diante dessa possibilidade de reconhecer a formação cultural brasileira e norte-americana na oposição “materialismo e idealismo”, conforme a simbologia dos dois heróis, esse texto analisará a relação de maneira invertida, conforme sugere Moog, de modo que a imagem de Aleijadinho parece se deslocar para o materialismo e a de Lincoln para o idealismo.

A inversão desse olhar viabiliza o seguinte questionamento: Lincoln, um dos ex-presidentes mais famosos da história norte-americana, poderia passar despercebido como mais um brasileiro que vagueia pelos passeios públicos, discute a imortalidade da alma, fala de mulheres, de futebol e de política, sem que lhe soe um desconforto de consciência, como bem convém a um idealista (amante da contemplação e das artes)? No mesmo sentido, Aleijadinho, um dos artesãos brasileiro mais ovacionado de todos os tempos no país, seria considerado um cidadão norte-americano, para quem mais vale o sentimento materialista diante da vida do que os estímulos frente ao ócio?

1. Duas imagens transformadas em símbolo

Revendo suas memórias de quando esteve nos Estados Unidos, no período de 1941 a 1945, Érico Veríssimo analisa a formação simbólica de Abraão Lincoln como parte da

história norte-americana, especialmente, no que diz respeito ao expansionismo daquele país para o Oeste.

Veríssimo visualiza a formação dos Estados Unidos em três segmentos: a expansão do pioneiro para o Oeste do país; o espaço político e econômico da aristocracia agrícola e escravista no Sul; e o desenvolvimento industrial e capitalista do ianque na costa atlântica dos Estados Unidos.

Embora a formação norte-americana estivesse compartimentada em três blocos, Veríssimo afirma que “a história dos Estados Unidos é a história da conquista do Oeste” (VERÍSSIMO, 1998 p. 433). No estudo da expansão das fronteiras ocidentais, o autor encontra a explicação do caráter e da civilização americana. Isso se deve à simbologia legada pelo pioneiro, diz Veríssimo.

O ícone dessa simbologia é projetado por Abrão Lincoln. Filho de pioneiro, nasceu numa cabana típica da fronteira. Cresceu aprendendo a trabalhar com o pai, cuja profissão era a de lenhador.

De gosto simples e leitor da Bíblia, Lincoln construiu sua imagem e sua carreira política ressaltando sua origem pobre e simples; no entanto, idealista e consciente de suas possibilidades de superação e conquistas, como a própria história dos Estados Unidos.

Veríssimo percebeu a compatibilidade de Lincoln com o sentido expansionista de seu país ao analisar um de seus discursos quando candidato ao senado norte-americano. Nesta ocasião, Lincoln demonstrou-se preocupado com a União do país, diante da possibilidade de cisão entre o Sul e o Norte. “Acredito que este governo não pode durar permanentemente metade escravo e metade livre. Não espero que a União seja dissolvida, não espero que a casa caia, mas espero, isso sim, que a divisão cesse. Ela terá de se tornar inteiramente uma coisa ou inteiramente outra” (VERÍSSIMO, 1998 p. 442).

Em face disso pode-se constatar que a receptividade da imagem heróica de Lincoln junto à sociedade norte-americana residiu, em boa parte, no sentido dessas afirmações e na origem em que elas demandam, nesse caso, do próprio Lincoln. Segundo Bourdieu, “O que faz o poder das palavras e das palavras de ordem, poder de manter a ordem ou de a subverter, é a crença na legitimidade das palavras e daquele que as pronuncia, crença cuja produção não é da competência das palavras”. (BOURDIEU, 2003, p. 15).

Para Veríssimo, o simbolismo de Lincoln representa não só o jeito norte-americano de ser, mas a potencialidade de um país que se funda no expansionismo, na capacidade

de manter sua integridade nacional posterior à Guerra de Secessão e, sobretudo, na possibilidade de se manter alinhado com os propósitos políticos democráticos e de desenvolvimento, conforme apregoados pela modernidade. Nos Estados Unidos, não resta dúvida, o importante é estar em dia com Lincoln, assinala Vianna Moog. (1968, p. 9).

Essa perspectiva comparativa de Veríssimo, em relação à convergência de ideais entre a nação e seu ídolo, fazia parte de um projeto maior do romancista. Trata-se do reconhecimento da identidade nacional norte-americana, modelo que o autor julgava ideal e reclamava para o Brasil. O simbolismo daquela liderança faltava ao Brasil, uma vez que Lincoln era prático e preocupado com o desenvolvimento e o prestígio de seu país, o que Érico não via no Brasil.

Entre os brasileiros, por outro lado, a imagem reverenciada com o status de simbologia é a de Aleijadinho (Antonio Francisco Lisboa), um dos maiores escultores da arte brasileira, que viveu no século XVIII, em Minas Gerais.

Aleijadinho consagrou-se pelas inúmeras obras de escultura produzidas com seu reconhecido talento. Consagrou-se também pela capacidade orgânica para o trabalho, legado que o aproxima do pioneiro norte-americano, de Abraão Lincoln em sua face puritana, racional, modernizante.

Enquanto sobra no brasileiro o impulso pelo lazer e pelo repouso, Aleijadinho trabalhou como se desconhecesse a imagem idealizada do bandeirante, cuja aposta na sorte, na aventura do extrativismo e na prisão de homens, para o ofício de escravo, fazia-se com preferência, salienta Moog.

Variações climáticas e dores no corpo são listadas como razões suficientes para faltar ao trabalho no Brasil. O contrário se passava com Aleijadinho, pois trabalhou até seus últimos dias de vida, ainda que suas dores fossem extremas e a doença acabasse por amputar-lhe partes do corpo, como ocorrera com os dedos das mãos. Na falta de seus movimentos essenciais, Antônio Francisco criava ferramentas complementares, as quais acoplava ao corpo de maneira a se manter em atividade produtiva, como se estivesse somando forças ao calvinista desbravador do Oeste, especialmente no trabalho manual, técnico, diz Moog.

Ao comparar Aleijadinho com artistas da renascença, Vianna Moog contempla outras virtudes do artesão. Enquanto os homens renascentistas encontraram condições ambientais favoráveis para o desempenho de suas criações, Aleijadinho deparou-se com inúmeros obstáculos, a começar com sua deformação física, com circunstâncias sociais e históricas adversas da colônia brasileira. Sem contar o preconceito de raça, de classe, de

nacionalidade, somado ao descaso das instituições. Quase tudo lhe era adverso, diz Moog (1969, p. 334).

Cioso da necessidade de pensar em um projeto voltado a desenvolver o Brasil, Moog ressalta um dos princípios do escultor que bem poderia servir de lição à sociedade brasileira. Aleijadinho pensa o Brasil, sobretudo em suas possibilidades de desenvolvimento. Não bastaria transplantar os recursos científicos ou técnicos da Europa para o Brasil, deveriam empregar os recursos naturais do próprio país, a exemplo do que fizera o norte-americano em seu país. Em suas estátuas, o artista valeu-se de pedras e de utensílios descobertos e colhidos no meio natural brasileiro.

Se o individualismo no Brasil é do tipo personalista, já que a pessoa se sobressai dificultando a organização coletiva do trabalho em conjunto, o escultor Antonio Francisco não só montou e liderou suas equipes de trabalho, como ensinou o ofício artístico aos seus ajudantes, em geral, escravos, salienta Vianna Moog. (1969, p. 333 – 335).

Ao contrário do sincretismo religioso do Brasil, Aleijadinho não perdia de vista a crença no catolicismo, mesmo que a fé não aliviasse as enfermidades que o levaram à morte. Se por um lado, o mazombo³ negava a terra brasileira em nome do encanto europeu, Antonio Francisco por sua vez, olhava o Brasil por meio de seu trabalho, como fizera o anglo-americano ao dar as costas à Europa e voltar-se convictamente para a construção dos Estados Unidos, na América.

Como se desejasse mencionar as virtudes do norte-americano, conforme reconhecidas por Veríssimo, Moog aponta a grandeza de Aleijadinho em relação a seu espírito de superação e a seu equilíbrio psicológico. Embora a juventude do artista brasileiro tenha sido marcada por diversas fases de libertinagem e boemia, sua maturidade não tardaria, diz Moog: “para provar que não é nas fases de devassidão, de caça indiscriminada à fêmea que o homem dá o melhor de si mesmo, mas nos períodos de contenção, de castidade e de decência, quando talento e caráter vivem de acordo”. (1969, p. 341).

A análise de Moog e Veríssimo acerca de Aleijadinho e de sua relação com a formação cultural brasileira revela a afirmação da simbologia do escultor e seu reconhecimento pela sociedade, embora a mesma sociedade não se ocupe dessa simbologia como referencial em sua constituição, a exemplo do que fez a sociedade norte-americana em relação a Abrão Lincoln.

2. Inversão das imagens

Ao mesmo tempo em que os autores reconhecem a significação simbólica de Lincoln à formação cultural norte-americana e de Aleijadinho à sociedade brasileira, Vianna Moog endereça seu olhar no sentido de visualizar outros indicativos na formação pessoal de Lincoln e Aleijadinho, considerados dissonantes com as linhas mestras da formação cultural de seus respectivos países.

Esse enfoque de Moog possibilita, em determinados momentos, a inversão da imagem do herói em relação à sociedade a qual representa, de modo que a simbologia de Lincoln pareça mais alinhada com a formação brasileira, ao passo que Aleijadinho se assemelha ao caráter norte-americano. Neste sentido, Moog nomeia alguns traços pessoais de Lincoln, cuja aproximação com a sociedade norte-americana parece frágil ou inexistente. Segundo o autor,

Lincoln é lento e repousado, como se tivesse um pacto secreto com a eternidade. Quanto ao trabalho, seu prazer reside na meditação e na produção intelectual. É um contemplativo. Lincoln é todo caridade. Não perde o sono por dinheiro. Não se impacienta em busca de trabalho, porém caminha léguas e léguas em busca de um livro. Oferece indenização aos fazendeiros do Sul pela perda dos seus escravos. Lincoln é um místico em permanente comunicação com Deus. Pensa em termos de universalidade. Lincoln não cessa de pensar no passado, em Shakespeare e Plutarco. Lincoln ama o diálogo (MOOG, 1969, p. 332).

A exposição de Veríssimo e Moog acerca da modernização da sociedade norte-americana, tendo em Lincoln sua maior expressão incentivadora não traz em conta esse perfil de Abraão Lincoln, descrito por Moog. Tais características do herói norte-americano lembram, antes, a formação cultural brasileira conforme descrita por Érico Veríssimo. Segundo o romancista, a sociedade brasileira segue uma via bifurcada em sua formação, como querendo produzir dois brasis: de um lado, o Brasil do déficit em modernização e desenvolvimento, esse é o Brasil da “falta”; já no outro Brasil, vigora a positividade brasileira, o país visto em “sua bondade essencial, no seu horror à violência e na sua amável tática que consiste em usar a malícia ao invés da maldade” (VERÍSSIMO, 1998, p. 147).

Contudo, ambos os brasis decorrem da herança tradicional ibérica, cuja sinalização aparece na busca da riqueza extrativa e, portanto, isenta de esforço regular e empresarial, daí o preconceito contra o trabalho orgânico (MOOG, 1969 p. 211).

Herança que, neste caso, se ajusta às características pessoais de Lincoln, citadas por Moog, as quais são julgadas em desacerto com a formação moderna dos Estados

Unidos. Desse modo, se vê na herança legada pelo ibérico, antes do norte-americano, a lentidão de Lincoln, sua tendência ao repouso e a amar o diálogo.

No Brasil, portanto, a presença de Lincoln somaria forças ao segmento dos que hesitam advogar a modernização. Segundo Veríssimo, o amor ao diálogo é uma das virtudes de Pedro Malazartes, um dos heróis sem caráter do Brasil. Malazartes faz da malícia e astúcia uma forma de compensação ao desapego do trabalho orgânico. Em outro momento, Veríssimo ressalta o “gostoso” costume das gentes do Brasil de passear ao redor das praças e cafés e de discutir amenidades. Afinal de contas, a conversação revela um sentido artístico, ela é uma das belas artes, diz o romancista. (1998, p. 149 e 180).

Parece pouco provável que, tanto Malazartes, quanto às pessoas que passeiam nas praças, estejam a serviço de algum projeto voltado à produção, ao desenvolvimento. Antes, revelam um sentido de repouso, de lazer, de lentidão. Érico julga ser este um dos traços herdados dos ibéricos digno de ser conservado, embora seja impróprio para modernizar o país. É como se dissesse: o brasileiro vive um gostoso ócio, mas é incapaz de almejar à maturidade dos países modernos. Em Lincoln esse caráter brasileiro se reflete, também, em sua aparente indiferença diante do dinheiro e do trabalho, cuja falta não é suficiente para lhe fazer impaciente ou lhe roubar o sono, diz Moog.

No mesmo sentido do espírito traduzido em Malazartes, Moog reproduz um diálogo mantido com um imigrante americano, remanescente do fracassado projeto Ford instalado na Amazônia brasileira, em 1928. Enquanto a grande maioria de operários e administradores voltou para os Estados Unidos, após o encerramento das atividades do projeto na região, alguns trabalhadores optaram por permanecer residindo na Amazônia.

No decorrer da conversação, Vianna Moog salienta a capacidade de assimilação da cultura amazônica por parte desse imigrante. Casou e constituiu família com uma cabocla da região. Adotou a forma produtiva da Amazônia, cujas atividades obedecem à lógica extrativista, ao invés do sistema produtivo regular e progressista dos Estados Unidos.

Entretanto, o mais significativo dessa aculturação, no entender de Moog, reside na expressão cultural do ex-operário, ao anunciar a contemplação em suas atitudes, conforme diz: “estou contente de ter ficado. Deus tem sido bom para comigo. Meus filhos são bons filhos, minhas filhas são boas filhas. Minha mulher é boa e leal. Não nos falta nada que devêssemos ter. Quantos podem dizer o mesmo”? Para o ensaísta, trata-se de uma atitude profundamente cabocla, seguida de uma explicação profundamente americana, pois se o desejo é de contagiar o ambiente de otimismo, bem o faz o norte-

americano. Se a intenção é resignar-se diante dos efeitos das secas e inundações, problemas de vida e de morte, ninguém mais indicado para fazê-lo do que o caboclo, seja ele um imigrante nordestino, ou descendente direto dos indígenas da Amazônia, diz Moog. (1969, p 40).

Vianna Moog não associa o ex-operário, seu interlocutor, à imagem de Lincoln, o Lincoln de atitude lenta e compassada, cujo sentido o distancia das linhas mestras formadoras de seu país, mesmo assim o autor parece disposto a identificar o novo habitante da Amazônia com a mesma lente que visualiza o perfil de Abraão Lincoln.

Se por um lado o ex-presidente Lincoln não cessa de pensar no passado, em Shakespeare e Plutarco, e faz do diálogo sua expressão comunicativa, não muito diferente faz o mestiço amazonense. Enquanto isso, Henry Ford, proprietário do projeto Ford, elegia o tempo presente, como tempo único das relações produtivas e comerciais.

Segundo Moog, Ford se via atormentado por ingleses, judeus e negativistas, em razão de questões comerciais, empresariais ou de ordem trabalhistas. No caso das divergências trabalhistas, o protesto surgia dentre os coronéis do Amazonas e do Pará que não se conformavam com a lógica racional de produção, cuja implicação visava regular contratos de trabalho com definição de salários, ordenar a plantação de seringueiras e a própria floresta em padrões de eficiência e controle, diz Moog. (1969, p 26).

Em contraponto a determinação empresarial e produtiva de Ford se coloca, novamente, a imagem de Abraão Lincoln. Estaria Lincoln impaciente em busca de trabalho? Deixaria de se aborrecer com pressões do empresariado internacional ou de companhias estrangeiras? Na Amazônia, o caboclo aprende que sobreviver não é uma decorrência do apego ao trabalho, mas da desambição, da conformidade e adaptação à terra. Como sinalização disso, deve-se lembrar o insucesso da Ford Motor Company na Amazônia, salienta Moog.

A psicologia do caboclo só pôde ser compreendida após o fracasso da Ford, e não por meio de suas inovações tecnológicas. O que sobreviveu é o espírito contemplativo e idealista do ex-operário que optou por permanecer na região – o mesmo operário que se assemelha a Lincoln. (1969, p 25, 41 e 43).

Deparamos-nos, portanto, com um paradoxo, uma vez que a lentidão, o repouso, o diálogo, a contemplação de Abraão Lincoln parece corresponder aos mesmos indicativos da tradição brasileira. Tradição fiadora do Brasil “dotado de um sentimento de solidariedade humana, que nos vem duma natureza sentimental”, conforme Érico

Veríssimo e conforme Vianna Moog, segundo sua descrição do caboclo amazonense personalizado pelo ex-operário norte-americano. Esse é o Brasil visto em uma de suas faces, a face positiva de sua formação cultural, cuja essência se reflete numa expressão contemplativa.

A outra face do Brasil, depositário da tradição ibérica, segundo a percepção de Veríssimo e Moog aponta o déficit – a inferioridade do brasileiro – uma vez que reflete a alienação do trabalho produtivo e o “desajustamento psicológico”. Nessa via, Moog localiza as linhas mestras da formação brasileira, ou seja, as características do mazombo: O desejo de riqueza rápida, o apego ao passado, o individualismo exacerbado, o preconceito contra o trabalho orgânico. “A despeito de quatro séculos de história e do muito que superamos, os aspectos negativos produzidos por tais tendências, são os mesmos traços que ainda retardam a marcha da civilização brasileira nos dias atuais”. (MOOG, 1969, p. 122 – 125).

Neste sentido, Vianna Moog parece localizar no passado, ao mesmo tempo, o mazombo retido com seus dramas, e Abrão Lincoln que o recorre como fonte de inspiração. É lá, em Shakespeare e Plutarco, que o ex-presidente revitaliza suas inspirações intelectuais, seu anseio contemplativo.

No caso da simbologia de Aleijadinho, Vianna Moog deixa antever que a genialidade do escultor o tornaria um cidadão mais bem ajustado às linhas mestras da formação cultural norte-americana, apesar do ócio ter sido a ocupação de sua vida enquanto jovem.

Érico Veríssimo e Vianna Moog ressaltam que a sociedade americana soube evidenciar, em seu ídolo – Abrão Lincoln – as virtudes que bem lhe convinha diante da modernidade e da necessidade de afirmação do Estado-nação. Enquanto no Brasil a reverência a Aleijadinho permanece ofuscada; seu exemplo é reconhecido, mas não é seguido. A formação brasileira opta pela tradição – as virtudes de Lincoln, dispensadas pela sociedade norte-americana.

É como se a sociedade brasileira estivesse de costas para a imagem de Aleijadinho. Em linhas gerais, todos o reconhecem como herói e admiram seus feitos artísticos, mas tomá-lo como um fio condutor de suas ações, no decorrer dos dias, isso parece pouco provável. Assim, seu exemplo se eterniza como se eterniza uma fotografia emoldurada na parede da casa – costume corrente na sociedade brasileira.

Mais vale relembrar a singularidade de Aleijadinho no interior da formação cultural brasileira, do que seguir seu aprendizado. Nesse caso, as lições mais bem aprendidas são as que revitalizam a imagem do bandeirante com seu desejo imediato de riqueza e

com seu desapego ao trabalho orgânico, e não aquelas sugeridas por Aleijadinho: valoração dos aspectos morais e espirituais e a projeção do porvir, em claro desapego ao passado. Características que lembram Abraão Lincoln em sua condição de símbolo da modernização norte-americana.

4. Trabalho orgânico e dinheiro: valor e desvalor

O Abraão Lincoln, reconhecido em suas virtudes inspiradoras da sociedade americana, nutria uma expectativa de positividade em relação ao progresso, sobretudo com relação ao trabalho orgânico e com suas possibilidades de gerar riquezas à sociedade norte-americana, conforme constatou Vianna Moog ao mencionar uma carta em que o ex-presidente responde a um pedido de empréstimo financeiro de John Johnston – irmão de Lincoln. Segundo Moog, Abraão Lincoln propusera a Johnston que,

passaria a trabalhar dali em diante com unhas e dentes e a cada dólar que ganhasse com o seu próprio suor corresponderia um dólar doado por Lincoln. Assim, se Johnston fizesse dez dólares num mês, de fato ficaria com vinte. Se fizesse vinte acumularia quarenta. Por esta forma acreditava Lincoln que cedo Johnston poderia sair de suas dificuldades e começar vida nova e com novos hábitos. (...) Lincoln esclarece: você (Johnston) não desgosta muito de trabalhar, mas não trabalha muito, porque não lhe parece que possa conseguir grande coisa pelo trabalho. (MOOG 1968. p. 69).

A relevância do trabalho produtivo e do negócio em Lincoln, remete ao pensamento contido nas palavras de João Calvino, para quem o lucro do comércio, do banqueiro, da propriedade rural e da indústria correspondiam ao desejo da própria religião Calvinista, cuja riqueza do homem significava o salário de Deus. Logo, o puritano via a marca do Senhor naquele que prosperava. (MOOG, 1969, p. 67 a 69).

Ruben George Oliven enumera alguns provérbios recorrentes entre os norte-americanos a respeito da positividade do dinheiro, “Dinheiro é poder”, “dinheiro é a força motriz do comércio”⁴.

Nesse sentido, tanto Moog quanto Veríssimo enfatizam a orientação aplicada à educação norte-americana, especialmente à educação no tempo de Lincoln. Veríssimo ressalta a qualidade que se estende da escola pública primária ao meio universitário dos Estados Unidos. Segundo o autor, as Universidades emitem cheiros e cores que bem demonstram seu afinamento com as coisas da natureza, além de preservarem o hábito

norte-americano da cordialidade e da confraternização entre alunos e professores, o que converge, em última análise, para a geração de conhecimento e modernização. Para Moog, a escola norte-americana, na época de Lincoln, primou por valores pontuais e conectados com a lógica do trabalho. Segundo Moog,

A partir de Lincoln ninguém quis mais nada com os excepcionais, com os *egg heads* e os métodos de ensino que lhes correspondiam. Na universal valorização do homem comum, a singularidade passou a ser suspeita, e a obrigação de métodos e professores era não perder de vista a linha da terra, ou melhor, do terra a terra. Nada de estimular a exceção. A exceção é contrária ao igualitarismo. Ao tipo ideal: o regular boy, o *common man*. A palavra de ordem: abaixo os diferentes! Com os métodos antigos, lucravam os seres de exceção. Com os modernos lucrariam o medíocre, o homem comum, a massa. E como a maioria é quem governa, faça-se em tudo, inclusive no ensino, a vontade da maioria. (1968. p. 173).

O Lincoln que pensa a potencialização do trabalho e a geração de riquezas sob o apoio de um projeto educacional, previamente estabelecido, condiz com o Lincoln venerado e cultuado pela sociedade de seu país. Esse Lincoln herói, recebe o aporte de Aleijadinho, uma vez que, também ávido por dinheiro, o escultor brasileiro desconhece o sentimento de culpa ou de pecado associado à cobiça do lucro financeiro. Segundo Moog, Antônio Francisco Lisboa, contraria o desapego ao dinheiro da sociedade brasileira ao levar tão a sério o ofício de ganhar dinheiro por meio da comercialização de seus produtos artísticos. Se Aleijadinho fosse um norte-americano, talvez expressasse que “tempo é dinheiro, ou que “Deus ajuda os que ajudam a si mesmos” ou ainda, “a fome espreita a casa de um homem trabalhador, mas não ousa entrar” (OLIVEN, 2001, p. 220).

Uma das razões da desconexão das lições de Aleijadinho em relação à sociedade brasileira está relacionada, também, com o fator educação. Nesse caso, trata-se de um nível educacional oposto ao encontrado nos Estados Unidos, concordam Veríssimo e Moog. No entender de Vianna Moog, nem mesmo Antônio Francisco teve acesso a uma educação sistemática no Brasil do século XVIII. Naquela época a preocupação das autoridades e de boa parte da sociedade, especialmente no interior das Minas Gerais, se voltava para a atividade do ouro. Até mesmo a agricultura e a pecuária estavam renegadas a um plano inferior, o que tornava fácil supor que outras cogitações, como educação e cultura não seriam levadas em conta na agenda de aventureiros, governantes, senão em caso de exceção, salienta o autor. (MOOG, 1969, p. 335).

A dedicação extremada do artesão brasileiro permitiu-lhe acesso e realização de instrução técnica suficiente para empreender a construção de suas obras, em suas

diversas etapas, do planejamento, talhamento da pedra e desenho final. Isso o tornou semelhante ao espírito modernizador do norte-americano – salienta Moog.

Aleijadinho fazia de sua entrega ao trabalho e à possibilidade de obter retorno financeiro, mesmo que desprovido de um conhecimento escolar, uma expectativa contrária aos principais sinais da formação cultural brasileira. Dentre esses sinais, Moog indica o desapego ao dinheiro e ao lucro financeiro.

Nesse sentido, o autor retoma a formação de Abraão Lincoln para visualizá-lo no espelho da tradição portuguesa, formadora do Brasil. Pois, se, de um lado, Lincoln revelase ávido por riquezas e por isso valoriza o dinheiro, por outro não se deixa reconhecer em sua riqueza material, haja vista que o ser rico indicava, exceto no Calvinismo, quase um labéu pejorativo, como se fosse uma marca condenatória diante de Deus, pois segundo o escrito católico, “é mais fácil um camelo passar pelo fundo de uma agulha do que um rico entrar no reino dos céus”. (MOOG, 1968, p. 287).

Se, de uma forma Lincoln se empenhava em camuflar sua riqueza diante do olhar da sociedade, deixando transparecer um certo desvalor pelo dinheiro – o que não passava de aparência – fato semelhante ocorria com a sociedade brasileira, uma vez que o brasileiro não centraliza sua vida no dinheiro a exemplo do norte-americano. Dessa forma a sociedade brasileira se coloca na contramão do instinto acumulador de Antônio Francisco.

Por extensão, o desvalor do dinheiro pelo brasileiro corresponde ao sentido negativo que atribui ao trabalho orgânico. Segundo Ruben Oliven, “quando se pergunta a um brasileiro o que ele está fazendo, é muito provável que ele responda: ‘nada’. Na verdade, ‘fazer nada’ é uma categoria nativa que talvez faça pouco sentido em inglês, mas é cheia de significado em português”⁵.

5. Considerações finais

Na combinação de imagens entre Aleijadinho, Lincoln e suas sociedades, conforme sinalizam Moog e Veríssimo, é possível depreender que o desvalor do dinheiro e o desapego ao trabalho orgânico, marcantes no brasileiro, correspondem ao sentido contemplativo presente numa das imagens de Abraão Lincoln, ao passo que o instinto acumulador da sociedade norte-americana parece alinhado com Aleijadinho em seu desejo de produzir riquezas. A outra imagem de Lincoln se traduz nas virtudes que o elevaram a condição de símbolo em seu país. Símbolo da unidade nacional, do espírito

expansionista, do instinto de modernização. “em Lincoln e em mais ninguém é que a civilização americana há de procurar inspiração para a retificação das linhas mestras de sua cultura. [...] Ele é que detém o segredo das coisas que a ela lhe faltam”. (MOOG, 1969, p. 333).

Notas

¹VERÍSSIMO, Érico. *Gato preto em campo de neve*. São Paulo: Globo, 1997. Primeira edição em 1941. VERÍSSIMO, Érico. *A volta do gato preto*. São Paulo: Globo, 1998. Publicado pela primeira vez em 1947. MOOG, Vianna. *Bandeirantes e Pioneiros*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969. Primeira edição em 1954.

² Segundo Veríssimo, esse paradoxo pode ser explicado ao observar o significado que o norte-americano e o brasileiro emprestam ao dinheiro, por exemplo. Quando o norte-americano reflete sua materialidade ao afirmar que “tempo é dinheiro”, o brasileiro vê no dinheiro não um símbolo nacional, e sim um símbolo moral e literário, logo, descaracteriza a materialidade. Para o brasileiro, é a possibilidade contemplativa e artística que ganha relevo. É essa mesma ação que se confunde com idealismo no Brasil, diz o romancista. VERÍSSIMO, Érico. *A volta do gato preto*. 18. ed. São Paulo: Globo, 1998. p. 472.

³ Vianna Moog diz, o “mazombo, sem o saber, era ainda um europeu extraviado em terras brasileiras. Do Brasil e da América, de suas histórias, de suas necessidades, de seus problemas, nada ou pouco sabia, porque vivia no litoral, mentalmente de costas voltadas para o país. Lam mal as coisas no Brasil? Há, isto não era com ele. Ademais, que poderia fazer, se era só contra todos? Na vida pública ou privada, nunca seria por sua culpa ou negligência que isto acontecia. Ganhar no jogo, eis uma das boas alegrias do mazombo”. MOOG, Vianna. *Bandeirantes e Pioneiros*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969. p. 122, 124 e 125.

⁴ Segundo Ruben Oliven, “existe uma forte incidência de provérbios norte-americanos que dão uma conotação positiva ao dinheiro. Eis alguns exemplos traduzidos literalmente: ‘Acrescentar os meus dois centavos a essa discussão’ significa que a pessoa quer expressar a sua opinião sobre o assunto em discussão. ‘eles não vão comprar isso’ significa que eles não vão concordar ou aceitar uma idéia. ‘O dinheiro é como estreme: só é bom quando espalhado’. A afirmação cunhada pelos ibéricos: ‘O dinheiro é a raiz de todos os males’ é freqüentemente transformada em: ‘O dinheiro é a raiz de toda a riqueza, (...) o homem precisa de raízes. Da mesma forma, ‘O dinheiro não compra felicidade’ é transformado em ‘A felicidade não compra o dinheiro’. ‘O dinheiro não é tudo’ pode virar: ‘O dinheiro não é tudo, mas é meio caminho andado’. OLIVEN, Ruben George. *De olho no dinheiro nos Estados Unidos*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, nº 27, 2001, p. 218 e 220.

⁵ O autor aponta também alguns provérbios brasileiros que, ao contrário do norte-americano, anunciam a depreciação do dinheiro: “No Brasil, o dinheiro é encarado como algo mais poluente do que nos Estados Unidos. Na verdade, no Brasil, quando uma pessoa está sem dinheiro algum, ela diz que está ‘limpa’, ou quando uma quadrilha rouba um banco, ela fez um ‘limpa’ no cofre. Mas uma pessoa muito rica é ‘podre de rica’. [...] Na gíria brasileira, ‘poupança’ se refere também às nádegas. E quando alguém está totalmente sem dinheiro, diz: ‘estou sem um puto tostão’. (...) No Brasil, quando queremos indicar que alguém é maluco, dizemos que ele ‘rasga dinheiro’”. OLIVEN, Ruben George. *De olho no dinheiro nos Estados Unidos*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, nº 27, 2001, p. 219, 223 e 225.